

Arte Contemporânea no contexto escolar – Aproximações com arte/educadores do Ensino Fundamental

Identificação:

Grande área do CNPq: Ciências Humanas

Área do CNPq: Educação

Título do Projeto: Arte+educação: analogias entre objeto e campo de estudo na contemporaneidade

Professor Orientador: Julia Rocha Pinto

Estudante PIBIC/PIVIC: Isabela Vieira Martins

Resumo: *O subprojeto “Arte Contemporânea no contexto escolar - Aproximações com arte/educadores do Ensino Fundamental” se concentra nos processos educativos desenvolvidos por professores de artes nas escolas do Sistema Municipal de Educação de Vitória, buscando compreender as especificidades que envolvem a produção artística contemporânea e o espaço que esta ocupa nos seus planejamentos. A questão de partida vincula-se ao projeto de pesquisa “Arte+educação: analogias entre objeto e campo de estudo na contemporaneidade”, da professora orientadora, que tem o objetivo de propor uma abordagem metodológica que dialogue com a contemporaneidade e com a arte contemporânea, reivindicando o espaço da arte frente às propostas educativas. Esse subprojeto tem cunho teórico-prático e recorre à pesquisa de campo para investigar de que maneira a arte contemporânea é trabalhada no ambiente escolar do Ensino Fundamental. No escopo da investigação objetiva-se a realização de entrevistas com arte/educadores e observações dos seus processos de trabalho, a fim de identificar os desafios e as singularidades que o ensino de arte contemporânea e suas linguagens artísticas encontram nos planejamentos e metodologias escolares, isto é, dialogando com o campo da arte e da educação e viabilizando contribuições para o processo formativo de professores de artes visuais.*

Palavras-chave: Arte/educação. Arte contemporânea. Metodologia e conteúdo do ensino da arte. Escola. Professores.

1. Introdução:

A maneira de olhar a vida contemporânea, especialmente nas práticas que propiciam as representações desse contexto temporal, nos leva a refletir sobre as narrativas do passado. O sistema do mundo artístico contemporâneo espelha a construção de uma realidade diferente das concepções dominantes das artes produzidas anteriormente a esse período. Logo, pensar no ensino de particularidades dessa temática não significa que é preciso desvincular-se da concepção de artes assentadas no passado, as duas são análogas e essenciais para o entendimento em Arte (ACASO; MEGÍAS, 2017). A produção artística contemporânea se encontra dentro dos circuitos de rede e interação assumindo, portanto, um caráter processual e comunicacional. Nortear o aluno nessa diversidade de linguagens e produções é valoroso, pois assim não se restringe a apresentar apenas um lado ou um ponto de vista da Arte. Célia Maria de Castro Almeida (2001, p. 16) afirma que ao desfocar o estudo hegemônico do passado para acentuar a pluralidade das culturas “é preciso incorporar uma visão crítica, que questione toda forma de pensamento único, a fim de que os alunos entendam que as produções artísticas e suas interpretações não

são inocentes e objetivas, mas interessadas, e que estão amparadas em realidades que acolhem e veiculam diferentes visões do mundo”.

Diante do exposto, o presente projeto de Iniciação Científica se propôs realizar uma reflexão crítica sobre como o ensino de arte contemporânea é incluído no espaço escolar, levantando discussões sobre como a metodologia e o conteúdo são trabalhados dentro do plano de ensino dos professores de artes visuais do ensino fundamental. A pesquisa visou identificar as especificidades da produção da arte contemporânea ligada a esse recorte temporal. A investigação utilizou da pesquisa de campo para analisar o processo de atuação de diferentes professores de Artes Visuais, realizando entrevistas com os mesmos nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Vitória.

O objetivo desse subprojeto se centrou na importância de apresentar como a escolha de uma corrente metodológica reflete no tempo contemporâneo, investigando as transformações trazidas por estas formas de abordagens da arte contemporânea no campo educativo, tanto na atitude dos docentes, como na dos alunos. Este questionamento surge a partir da identificação de lacunas entre a formação iniciada na Universidade com o desempenho realizado nas escolas, sobretudo no que diz respeito aos conteúdos do ensino da arte e apresentação da produção artística contemporânea dentro de sala de aula (DE PASCUAL; LANAU, 2018). Desta maneira, planejamentos e projetos para o ensino e aprendizagem negligenciam, em termos de conteúdo e de metodologia, a arte contemporânea.

A arte contemporânea e a educação no tempo contemporâneo partilham características entre elas; todavia, identifica-se que o metodologias tradicionais e conteúdos que percorrem até o modernismo estão muito presentes ainda nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1997), impedindo que o ensino de arte contemporânea e de suas linguagens artísticas se relacionem com as perspectivas educativas da arte. Desde 2018 em desenvolvimento, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC propõe uma abertura em relação às práticas artísticas circunscritas na contemporaneidade. Para pensar na aproximação do ensino de arte com a arte contemporânea e visando compreender a diversidade das suas linguagens, Julia Rocha (2018, p. 2215) reúne os aspectos ressonantes nesses dois campos, conectando arte/educação e arte contemporânea: “São elas: não linearidade, utilização de materiais e suportes de origens diversas, transitoriedade, efemeridade, virtualidade, participação do outro na e para a realização da obra/ação, interfaces com outras áreas e presença de um corpo híbrido”. Esses pontos de conexão são possibilidade de relação entre o campo da arte e da educação na contemporaneidade.

Cotidianamente as escolas experenciam questões e vivências influenciadas pelos contextos espaciais e temporais contemporâneos, logo, denota-se a necessidade de reexaminar os conteúdos e as metodologias recorrentes nas normas educacionais. Em se tratando especificamente da disciplina de arte, acredita-se que há ainda um ensino rígido, compartimentado e cronológico da arte - o que, de certo modo, distancia-se das discussões que têm sido elaboradas no campo da arte em geral. Sendo assim, os respectivos professores neste âmbito devem buscar uma prática que amplie seu repertório, tentando desenhar uma metodologia que englobe também questões pertencentes à contemporaneidade.

Considera-se que as escolas devem assumir o entendimento contemporâneo de que a natureza de conhecimentos se salienta de maneira processual, assumindo vertentes como a não linearidade de conteúdos e a conexão com as conjunturas social, política e cultural. A partir da educação se permitirá a ampliação dos repertórios, possibilitando a compreensão tanto da esfera artística - desse contexto temporal de transitoriedade, efemeridade e interatividade -, quanto da história. Dessa maneira, a questão

se correlaciona com o quadro geral da educação, apontados por Viviane Mosé (2015, p. 33): “O mundo contemporâneo nos impõe questões cada vez mais complexas, vivemos em rede, a palavra mais pronunciada é, provavelmente, conexão. Mas professores e alunos continuam apertando botões na linha de montagem de uma fábrica de extinção”.

A ideia de fratura que existe entre o sistema escolar, as abordagens da arte contemporânea e o mundo contemporâneo poderão acarretar na falência de sentidos e no distanciamento dos alunos nesse meio. Por consequência, tanto a arte contemporânea, como os alunos, estão imersos nas discussões que balizam o mundo atual e sua interatividade social, o que lhes concede abertura a questões políticas, como também na sua produção de novas subjetividades. Para apontar a importância da contextualização com o espaço e tempo vivido pelo aluno, Fernando Hernández (2007, p. 37) diz: “No caso da educação, trata-se de se aproximar destes “lugares” culturais onde meninos e meninas, sobretudo os jovens, encontram hoje muitas de suas referências para construir suas experiências de subjetividade”. O autor continua “Um as referências que não costumam ser levadas em conta pelos docentes, entre outras razões, porque as consideram pouco relevantes, a partir de um enfoque do ensino centrado em alguns conteúdos disciplinares e em uma visão da Escola de cunho objetivista e descontextualizado”.

A dificuldade e os impedimentos para a aproximação com a arte contemporânea também se dão devido aos requerimentos sociais traçados ainda nos valores culturais tradicionais. Em virtude disso, ao tratar a contemporaneidade e as concepções que a imbricam, Fernando Cocchiarale (2006, p. 72) afirma:

O mundo contemporâneo não mais valoriza a pureza, inclusive estilística, buscada obsessivamente pelos artistas modernos em nome da interface, da multidisciplinaridade e logo a contaminação, a hibridização e o ecletismo. O mundo contemporâneo é absolutamente impuro e isto é para ele um valor. Porque se impureza é conviver com a diversidade - seja ela étnica, política, sexual etc. - ela tornou-se um valor positivo da contemporaneidade. Prefiro mil vezes a impureza que me põe convivendo com o diferente, à pureza que o exclui. O mundo contemporâneo é cheio dessas possibilidades.

Diante do cenário exposto, sobre as aproximações e os distanciamentos impostos na contemporaneidade, o ensino de arte correlaciona com o campo das produções artísticas. Se de um lado temos artistas que integram seus públicos, os espectadores, para a participarem na elaboração de suas obras, de outro lado, em sala de aula, incentiva-se a apropriação de novos saberes e a conexão dialógica pelo aluno e pelo professor. Logo essas questões trabalhadas em sala não se limitam a um detentor do saber, e sim a função mediadora das subjetividades e das relações que fomentam a interatividade. Vê-se aqui o espelhamento da forma como professores e artistas têm trabalhado com seus respectivos públicos, estudantes e espectadores. Isso posto, Celso Favaretto (2019, p. 229) faz uma síntese sobre a relação entre a educação de arte com as mudanças do cenário vivido no tempo contemporâneo: “Estas considerações põem em relevo a necessidade de se pensar a arte na escola no horizonte das transformações contemporâneas, da crítica das ilusões da modernidade, da reorientação dos seus pressupostos”. Para Favaretto isso “implica pensar o deslocamento do sujeito, a produção de novas subjetividades, as mudanças no saber e no ensino, a descrença dos sistemas de justificação morais, políticos e educacionais, a mutação do conceito de arte e das práticas artísticas e as mudanças dos comportamentos”.

No sentido em que a arte contemporânea se encontra na temporalidade de interconexões e de certezas instáveis e diversas verdades do mundo, concomitantemente, a educação também lida com tais demandas. Desta forma, é essencial repensar a adoção de um modelo de ensino, pois esse, por sua vez, deve dialogar com o meio cultural em que os alunos estão inseridos e que repetem todo um processo

acumulativo espelhados em experiências e conhecimentos adquiridos pelos que os antecederam. Dessa maneira, observa-se também o importante papel do professor, pois esse promoverá a mediação de informações e de conhecimentos o que consequentemente, fortalecerá em seus alunos as construções de sentido do mundo, ou seja, potencializando as representações visuais dos mesmos, uma vez que a ideia de subjetivação, presente tanto nas linguagens artísticas contemporâneas como nos próprios sujeitos, está cada vez mais vinculada às práticas culturais.

O panorama educativo exposto ressalta a potencialidade da própria arte contemporânea retratar os circuitos de comunicação, criando-se um campo investigativo em paralelo às práticas educativas, metodologia e conteúdo, na contemporaneidade (CAUQUELIN, 2005). E, dessa forma, analisar a atuação de professores que conseguem trazer essa aproximação em propostas pedagógicas. Assim sendo, buscar-se-á reconhecer o quanto os conceitos de participação, efemeridade, diversidade de materiais e suportes, transitoriedade, falta de linearidade, corporalidade, virtualidade e interdisciplinaridade, que estão latentes nas criações dos artistas, se consegue perceber na vivência dos arte/educadores com seus estudantes. Por fim, considera-se que esse subprojeto propiciou uma ampliada formação como bolsista de Iniciação Científica, potencializando a formação de licenciada em Artes Visuais, visto a oportunidade de aproximação com o sistema escolar fundamentada nos dados investigados, fazendo deste lugar um espaço de pesquisa e não somente um contato inicial da prática docente.

2. Objetivos

Objetivo geral:

Investigar os conteúdos e metodologias de Artes Visuais no Ensino Fundamental, buscando identificar o espaço que a arte contemporânea ocupa nos planejamentos dos arte/educadores atuantes nas Escolas Municipais de Vitória-ES.

Objetivos específicos:

Identificar conceituações a respeito do que define a arte contemporânea, reconhecendo as especificidades desta produção;

Realizar estado da arte referente às metodologias de ensino da arte e aos conceitos transversais à produção artística contemporânea;

Compreender o espaço que a arte contemporânea ocupa no planejamento dos professores acompanhados na pesquisa;

Desenvolver entrevistas semi-estruturadas com professores de Artes Visuais que atuam em turmas de Ensino Fundamental na Rede Municipal de Vitória;

Acompanhar o processo de atuação de três dos professores entrevistados, observando suas aulas;

Sistematizar os dados obtidos durante a pesquisa de campo;

Identificar desafios que as especificidades da arte contemporânea implicam para a prática de educadores no âmbito escolar;

Produzir reflexão que coloque em diálogo o campo da arte e da educação, possibilitando o desenvolvimento de publicações para a formação de professores.

3. Metodologia

O subprojeto “Arte Contemporânea no contexto escolar - Aproximações com arte/educadores do Ensino Fundamental” desenvolveu uma investigação qualitativa, com realização de pesquisa de campo em Escolas Municipais de Ensino Fundamental geridas para Secretaria Municipal de Educação de Vitória. A pesquisa teve caráter exploratório e fez uso de entrevistas semi-estruturadas como método de coleta de dados. O subprojeto vinculou-se ao projeto da professora orientadora e se estruturou em diferentes ações que perpassam quatro principais momentos: O primeiro momento consistiu na aproximação com o objeto de pesquisa, buscando definir um estado da arte referente ao conceito de arte contemporânea e as abordagens metodológicas para o ensino da arte que são exercidas no contexto da pós-modernidade. O processo de estudo foi acompanhado pela professora orientadora e por um grupo de professores e estudantes que semanalmente realizam encontro do Grupo de Pesquisa Entre - Educação e arte contemporânea, discutindo leituras realizadas para tal fim. O segundo momento da pesquisa se centrou na parte prática da investigação, delimitando uma cartografia de professores atuantes dentro das escolas que compõem a Rede Municipal de Vitória. O contato com estas instituições se realizou centrado na figura dos arte/educadores. Foram desenvolvidos roteiros para entrevistas semi-estruturadas com 27 professores de Artes Visuais no total. O terceiro momento da pesquisa planejado no subprojeto foi em parte suprimido devido à pandemia do Covid-19, justificado na suspensão das atividades escolares presenciais desde março de 2020. Assim, se realizou a sistematização, leitura e análise dos dados obtidos durante etapa de entrevistas. Foram transcritos e tabulados todos os materiais recolhidos durante o diálogo com os arte/educadores. O quarto e último momento da pesquisa consistiu na reflexão final dos dados de pesquisa. Por meio da leitura crítica dos dados sistematizados na etapa anterior, foi possível avaliar o projeto de pesquisa e elencar aspectos positivos e negativos da investigação para reflexão sobre os resultados nos âmbitos acadêmico e educacional.

4. Resultados

No período compreendido entre agosto de 2019 e maio de 2020 foram entrevistados 27 professores. A maior parte das entrevistas ocorreu no lócus das escolas em que atuam, o que demarca um aspecto dificultador da pesquisa, que precisou se estender por todo o território da cidade de Vitória. Apenas uma entrevista foi realizada de forma remota, após o período de isolamento social. O roteiro da entrevista semi-estruturada buscava identificar o quanto conteúdos de arte contemporânea entram nos planejamentos e práticas de professores da Rede Municipal de Ensino Fundamental de Vitória. Outro objetivo associado era identificar se a metodologia dos professores também estava conectada com as discussões contemporâneas do ensino da arte. Além disso, o conjunto de perguntas contemplava diversos aspectos da formação e atuação dos professores, uma vez que se considera que o desenvolvimento de conteúdos de arte contemporânea está relacionado com outras questões, como o uso de tecnologias, a inclusão de questões étnico-raciais, a formação complementar e continuada e a interdisciplinaridade.

Um aspecto positivo identificado nas entrevistas foi que todos os professores têm formação específica e são licenciados em Artes Visuais. Todavia, entre os dados obtidos e sistematizados na pesquisa constatou-se que a respeito da formação dos professores existem evidências das diferentes

nominações que o curso superior dos arte/educadores teve no decorrer da história do ensino da arte, visto que 13 dos 27 professores são formados em Licenciatura em Artes Visuais, 14 são formados em Licenciatura em Educação Artística e 3 são formados também em Bacharelado em Artes Plásticas. A maior parte dos professores entrevistados fizeram o ensino superior na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), totalizando 24 dos 27. Ainda no que diz respeito a formação, 25 dos 27 professores entrevistados fizeram especialização ou pós-graduação.

Como a pesquisa centrava-se no segmento do Ensino Fundamental, que abarca nove anos de formação de crianças e adolescentes, foi importante, no decorrer da pesquisa, demarcar quantos professores atuavam com crianças entre 6 e 10 anos e entre 11 e 14 anos. Assim, concluiu-se que 11 dos 27 entrevistados atuavam com turmas de Ensino Fundamental I, 10 professores atuavam no Ensino Fundamental II, e 10 atuavam nos dois segmentos. Compreendendo a importância do tempo de planejamento como imprescindível para a prática do professor e como um possível aspecto que favorece a possibilidade de formação continuada, visitações às exposições e cursos extras para conectar-se com a pesquisa, considerou-se também a articulação de mais de uma escola para o cumprimento da carga horária de cada professor. Conforme o deslocamento entre instituições e a articulação com diferentes equipes de trabalho seria um fator dificultador da rotina de trabalho que se buscou reconhecer quantos professores entrevistados atuavam em outras escolas. Assim, apurou-se que 16 dos 27 entrevistados tinham prática em outra escola, 10 trabalhavam apenas em uma escola e 1 não informou.

A respeito dos recursos e da relação com a tecnologia, chegou-se à conclusão de que 14 dos 27 entrevistados afirmaram que trabalham com tecnologia e 11 disseram que trabalham pouco. Apenas 1 professor afirmou que não trabalha e 1 não informou. A esse respeito, ainda sobre o uso da tecnologia, 12 professores disseram que utilizavam o projetor como recurso para suas aulas, 9 adotavam o celular como recurso em sala de aula e 15 usavam o livro didático.

Um dos fatores identificados como dificultadores para a abordagem de artistas contemporâneos nas aulas foi a lacuna na formação dos próprios professores, uma vez que apenas 16 dos 27 entrevistados afirmaram que aprenderam arte contemporânea durante sua formação no curso de ensino superior. Dos demais, 7 disseram que não aprenderam arte contemporânea na formação e 4 não informaram. Esse aspecto foi relevante para o resultado da pesquisa, uma vez que entre os dados apurou-se que 16 professores informaram que trabalham o conteúdo de arte contemporânea com os alunos, número equiparado ao total de profissionais que tiveram formação no assunto. Entre os demais 8 afirmaram que trabalham pouco e 3 disseram que não trabalham com arte contemporânea.

Ainda no que diz respeito aos professores que não tiveram arte contemporânea durante a formação, pode-se estabelecer a relação desse aspecto como um dos motivos que justificam a dificuldade de trabalhar essa temática com os alunos. A partir dos dados coletados, se aferiu que 17 professores sentem dificuldade de desenvolver esse conteúdo, enquanto 10 disseram não sentirem dificuldade de desenvolver esse tema. Mas há outros motivos, um deles concerne nas próprias características da arte contemporânea, denominada pelos professores entrevistados como instável, indeterminada e ainda impermanente na História da Arte. A falta de um conceito e estrutura determinante para essa arte acarreta na insegurança dos professores de ensinarem e promoverem uma prática a esse objeto de estudo.

Sabendo dessa condição instável - e possivelmente pensando nas temáticas recorrentes da arte contemporânea -, pôde-se constatar que professores que atuam no segmento de Fundamental I sentem

mais dificuldade em adotar práticas de ensino de arte contemporânea com seus alunos. Nas respostas chegou-se ao fato de que 8 dos 11 entrevistados atuantes apenas do ensino Fundamental I sentem dificuldade de desenvolver esse conteúdo com os alunos, 1 disse que não sente dificuldade e 2 disseram que sequer trabalham esse conteúdo com os alunos. Enquanto que os docentes que atuam apenas no Ensino Fundamental II parecem não sentirem tanta dificuldade quanto os professores do Ensino Fundamental I. Visto que 3 dos 6 professores disseram sentir dificuldade de trabalhar arte contemporânea e 3 disseram que não têm dificuldade. Para os professores que atuam nos dois segmentos de ensino, a dificuldade de desenvolver arte contemporânea é pertinente aos dados acima mencionados, já que 6 dos 10 professores disseram que sentem dificuldade de trabalhar o conteúdo de arte contemporânea e 4 disseram que não têm dificuldade.

Pensando especificamente na metodologia de trabalho dos professores, um dos elementos de uma perspectiva contemporânea é o de integrar disciplinas a fim de transversalizar conhecimentos e outra é de desenvolver projetos das relações étnico-raciais a fim de contemplar todos os alunos e proporcionar um espaço de desconstrução de narrativas hierárquicas oficializadas. Nesse sentido, aferiu-se que 74% dos professores desenvolvem projetos interdisciplinares com os alunos e 81% dos entrevistados disseram que desenvolvem projetos com temática das relações étnico-raciais.

Tabela 1. Síntese dos resultados quantitativos das entrevistas

Questões da entrevista	Sim		Não		Não informou		Pouco	
	Qtdd	%	Qtdd	%	Qtdd	%	Qtdd	%
Fez curso na Ufes?	24	89%	3	11%	0	0%	0	0%
Especialização ou Pós Graduação?	25	93%	2	7%	0	0%	0	0%
Atua em outra escola?	16	59%	10	37%	1	4%	0	0%
Desenvolve projetos interdisciplinares?	20	74%	6	22%	1	4%	0	0%
Desenvolve projetos envolvendo as relações étnico-raciais?	22	81%	1	4%	4	15%	0	0%
Teve arte contemporânea durante a formação?	16	59%	7	26%	4	15%	0	0%
Tem dificuldade de trabalhar com arte contemporânea?	17	63%	10	37%	0	0%	0	0%
Atuação na escola?	11	41%	6	22%	10	37%	0	0%
Trabalha com tecnologia?	14	52%	1	4%	1	4%	11	41%
Utiliza o projetor como recurso?	12	44%	5	19%	2	7%	8	30%
Utiliza celular em sala de aula?	9	33%	6	22%	11	41%	1	4%
Utiliza livro didático?	15	56%	3	11%	2	7%	7	26%
Trabalha com arte contemporânea?	16	59%	3	11%	0	0%	8	30%

5. Discussão e Conclusões

Diferente da hipótese que tinha-se de partida para a pesquisa, diante dos dados apresentados, considera-se que o conteúdo de arte contemporânea parece estar na prática da maioria dos professores entrevistados. Em contrapartida, uma parte considerável dos professores sentem dificuldade de trabalhar esse conteúdo com os alunos, o que se apura com os números, visto que segundo os dados coletados, 17

dos 27 professores entrevistados disseram que têm dificuldade da inclusão do conteúdo nos seus planejamentos. Assim sendo, constata-se que mesmo que o professor diga que desenvolve arte contemporânea com os estudantes, admite a dificuldade de explicar sobre esse conteúdo.

Um dos possíveis motivos da insegurança de incluir essa temática em suas aulas deve-se ao fato de que alguns professores entrevistados que atuam hoje nas escolas da Rede Municipal de Ensino Fundamental de Vitória não tiveram arte contemporânea durante seu curso de graduação e consequentemente não tiveram conteúdos formatados sobre esse recorte da história da arte durante seu curso. Por meio dos dados constatou-se também que muitos não fizeram alguma formação continuada ou especialização em busca desse assunto.

Alguns relatos evidenciam as constatações, como no caso da professora A, que atua nos dois segmentos de ensino, Fundamental I e II, não recorda ter aprendido arte contemporânea na graduação, demarcando que o percurso cronológico da história da arte se encerrava na produção artística moderna, afirmando: “(...) Porque por exemplo, vocês estudam arte contemporânea, o meu parava na história da arte no Brasil e parava nas vanguardas europeias”. Em proximidade, a professora B que atua no ensino Fundamental I também afirma não ter estudado arte contemporânea na graduação: “Não tive. Eu parei em História da Arte no Brasil, foram três períodos de História da Arte, um de História da Arte no Brasil e uma Filosofia da Arte”. Assim como as Professoras A e B, outros cinco professores não aprenderam arte contemporânea durante a formação, um dado substancial para a pesquisa.

Nota-se também que parte dos professores se sentem retraídos de desenvolver o conteúdo da arte contemporânea por serem julgados pelos outros colegas de profissão ou por pais dos alunos sobre questões que atravessam as temáticas contemporâneas. Por exemplo, a construção de diálogos que podem perpassar assuntos políticos, culturais e econômicos. Identifica-se o receio de desenvolver arte contemporânea aparece no discurso da professora C que atua no Ensino Fundamental I e se sente mais confortável apenas dando exemplos de artistas e obras contemporâneas para os alunos: “Eu admiro alguns colegas que conseguem. Eu não sei pelo local que eu trabalho, como eles vão ter essa aceitação, mas eu só falo. Quando eu estou falando de alguma arte mais do passado, aí eu cito o que está acontecendo hoje. Eu cito algum artista que esteja fazendo assim. Para eles me darem um retorno do que eles entendem”.

A questão do espaço também foi algo recorrente no depoimento dos professores que disseram terem receio de usá-lo por não terem espaço para desenvolver arte contemporânea ou então - como supramencionado - na possibilidade de serem mal vistos por outros professores de outras disciplinas. A professora D que atua no Ensino Fundamental I, disse: “Algumas coisas dá para você fazer, mas algumas turmas muito pequenas é muito complicado você fazer isso, você tem que ter uma direção, tem que ser muita coisa, muito amarrada e espaço, para eles poderem trabalhar”. Pelo relatado por essa professora, a delimitação de espaço pode ser um de tantos motivos para que o ensino e prática de arte contemporânea seja prejudicado. Contudo, na leitura construída durante a fundamentação, observa-se que a produção artística não se limita a questões de espaço, podendo ser desenvolvida em qualquer tipo de ambiente e com uma variedade imensa de materiais. O depoimento da professora D poderia ser analisado, portanto, como um entendimento diferente do que consiste a produção de artistas contemporâneos. A respeito do questionamento estético e poético da arte contemporânea, Oliveira e Freitag (2008, p. 121) dizem:

Assim sendo, notamos uma ampla utilização e diversificação de suportes e linguagens na produção artística, pois todo e qualquer material, referência e conceito/ideia, pode ser potencialmente artístico (...). Por isso, muito do que se produziu hoje, ou se

produziu nas últimas décadas desafia a hegemonia de linguagens tradicionais (pintura, escultura, desenho), além de causar estranhamento no espectador que se depara com objetos do cotidiano legitimados como arte; objetos que provocam em muitos casos, desconforto ou julgamentos que negam este mesmo objeto ou obra como artísticos.

Ainda sobre fatores que dificultam o ensino de arte contemporânea, esse pode ser também devido a percepção dos professores de uma falta de conceitos estabelecidos no campo da arte a respeito dessa temática. Abordar arte contemporânea no contexto escolar “significa a oportunidade de discutir um processo que está em construção, trabalhar no campo das incertezas, daquilo que ainda está sendo gestado, em elaboração” (OLIVEIRA e FREITAG, 2008, p. 118). Em vista disso, é recorrente o relato de professores que sentem insegurança de trabalhar arte contemporânea com os alunos, sejam eles das séries iniciais ou finais, porque o campo ainda está sendo continuamente construído.

Outro dado relevante para a pesquisa está no fato de que professores que desenvolvem mais o conteúdo de arte contemporânea atuam no Ensino Fundamental II, visto que estes sentem menos dificuldade de entrar nas temáticas que transversalizar o conteúdo, compreendendo a linguagem como mais adequada para se desenvolver com crianças e adolescentes de 11 a 14 anos. Isso se enfatiza na análise dos dados, pois a partir dos números coletados constatou-se, como anteriormente informado, que 73% dos professores entrevistados que atuam apenas no Ensino Fundamental I sentem dificuldade de desenvolver o conteúdo de arte contemporânea com os alunos, enquanto que 50% dos entrevistados que atuam apenas no ensino Fundamental II sentem a mesma limitação.

Sobre essa recorrência, contou-se que há uma cobrança de explicar sobre a arte contemporânea para os alunos no Ensino Fundamental II como uma forma de preparação para o Ensino Médio. Um relato que corrobora essa ideia foi relatado pela professora H que atua no segmento de Fundamental II e afirmou: “(...) Eu vou ser sincera, eu trabalho com o mínimo de informação que eu considero necessária para o Ensino Médio. Porque eu também já dei aula para o Ensino Médio e eles chegam muito crus”. Esse objetivo não deveria ser o único pelo qual um conteúdo entra na programação dos professores, mas ainda assim evidencia-se que há por parte desses um entendimento de que a arte contemporânea é uma categoria isolada, que não se relaciona com outras produções, enquanto a referência dos artistas ao próprio processo histórico da arte é recorrente nos seus planejamentos.

Durante a pesquisa identificou-se que parte dos professores parecem responsabilizar os alunos sobre a dificuldade da desenvoltura do conteúdo de arte contemporânea devido a insatisfação e o questionamento que eles manifestam a respeito dela; ou então associam essa dificuldade com a imaturidade das crianças em relação a idade que têm. Isso se confere, por exemplo, na entrevista da professora E que atua no Ensino Fundamental I e disse: “Nem sempre é bem aceito pelas crianças porque alguns acham que aquilo não é arte”. E na entrevista da professora F que atua nos dois segmentos de Ensino, que fala: “Eu consigo trabalhar arte contemporânea, normalmente eu não trabalho tanto com os pequenos. Porque para mim o entendimento ainda é muito imaturo para conseguir entender. Então eu tento trabalhar, eu costumo trabalhar ali, mas só dos sextos aos nonos anos, que são os anos finais (...)”. Assim como os relatos das Professoras E e F, outros catorze professores não trabalham ou sentem muita dificuldade em trabalhar arte contemporânea devido à questão de imaturidade de crianças e adolescentes. Esse fato parece demonstrar o desconhecimento por exato do tempo e do percurso histórico da arte contemporânea, incompreendendo o porquê de materiais e espaços diversificados; o porquê da pluralidade de linguagens; o porquê da conexão com as outras áreas da vida e o porquê da falta ou

prevalência de conceito em relação à forma. Mas está justamente nesse enigma e estigma associados a ela, o motivo desse conteúdo não poder ser ignorado e omitido pelos docentes. Acredita-se que caberia ao professor o dever de investigar e se preparar para desenvolver um ensino do conteúdo de arte contemporânea com a finalidade de promover diálogos e reflexões com os alunos, mas também considera-se a necessidade das redes de ensino de ofertarem formações continuadas para os mesmos.

Para a reflexão e entendimento do conteúdo de arte ensinado pelos docentes, percebe-se por parte deles que a arte contemporânea contempla mais a performance, a instalação, o vídeo e outras linguagens não tão recorrentes ou inexistentes na produção artística de períodos anteriores. Do ponto de vista desses professores, a performance e a instalação são temas mais complicados de serem desenvolvidos com os alunos. E o vídeo requer recursos mais tecnológicos como por exemplo computador, projetor e celular. Esses equipamentos são muito requisitados pelos professores (como pelos alunos), assim também é com a sala de informática. E os professores de arte sentem dificuldade tanto para reservar o equipamento como para utilizá-lo, visto que os docentes de outras disciplinas monopolizam esses recursos prejudicando, na sua percepção, o ensino de conteúdos como a arte contemporânea que por sua vez não exige recursos tecnológicos, mas oportuniza uma aula efetivamente mais interativa com os alunos.

Contudo, importante ressaltar que a produção artística contemporânea não se delimita aos recursos tecnológicos ou às linguagens de instalação, escultura, performance e vídeo. A diversidade de materiais e espaços os quais as abordagens artísticas contemporâneas podem explorar são uma característica potencial dessa arte, tal como Oliveira e Freitag demarcaram (2008). Justamente por isso ela poderia e deveria ser transversal aos demais conteúdos da história da arte. Uma vez que a afronta o entendimento e legitimação do que é arte e como ela acontece, como também cruza fronteiras com outros campos como científicos, sociais, políticos e cotidianos. Ou seja, a arte transcende o seu campo artístico para todos os outros escopos de conhecimento, representa uma área de pensamento investigativo e de experimentação.

Uma prática educativa que recorre aos equipamentos tecnológicos se atenta a linguagem visual, visto que no mundo contemporâneo se consome imagens com cada vez mais compulsão e a construção de conhecimento se dá pela também dimensão imagética. Isso revela uma proposta de flexibilizar o estudo, a leitura (de imagens) e a conscientização de uma metodologia da contemporaneidade, pois se apropria de uma aprendizagem mais dinâmica e mais conectada com o tempo e contexto do aluno. Visto que na educação os paradigmas das práticas educativas mudam conforme os paradigmas dos seus sistemas sociais e comunicacionais que também mudam (ACASO; MEGÍAS, 2017).

Com referência a essa questão da reserva de equipamentos tecnológicos ou sala que disponibiliza esses recursos, na entrevista da professora C se afirma: “Eu uso pouco a sala de informática, embora fosse necessário eu usar muito, mas eu uso pouco porque a demanda é muito grande, então sobra pouco tempo pra gente”. E na entrevista do professor G, que fala: “Eu nunca consegui porque tem horário fixo para certas turmas. E por causa disso eu acabei desistindo. Eu já usei antes de ter esse horário fixo, mas depois que criaram isso eu desisti de usar. Para me aborrecer menos”.

No que diz respeito ao efetivo desenvolvimento da arte contemporânea como conteúdo, reflete-se que muitos dos professores que desenvolveram ações com arte contemporânea utilizaram materiais como papel, lápis, tesoura, cola e tinta. Ou então abordaram o assunto com os alunos apenas com leitura de imagem. Outra parte dos professores conseguiu desenvolver o conteúdo explorando materiais diversificados, por exemplo: carvão, argila, pedras, tecidos e objetos cotidianos. Diante dessa partilha,

considera-se importante demarcar que qualquer material pode ser utilizado dentro da produção artística contemporânea. Na ênfase da utilização de materiais diversos, Archer (2012, p. IX) afirma:

Quem examinar com atenção a arte dos dias atuais será confrontado com uma desconcertante profusão de estilos, formas, práticas e programas. De início, parece que quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto àquilo que, afinal, permite que as obras sejam qualificadas como ‘arte’, pelo menos de um ponto de vista tradicional. Por um lado, não parece haver mais nenhum material particular que desfrute do privilégio de ser imediatamente reconhecível como material da arte: a arte recente tem utilizado não apenas tinta, metal e pedra, mas também ar, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas. Hoje existem poucas técnicas e métodos de trabalho, se é que existem, que podem garantir ao objeto acabado a sua aceitação como arte. Inversamente, parece, com frequência, que pouco se pode fazer para impedir que mesmo o resultado das atividades mais mundanas seja erroneamente compreendido como arte. Embora a pintura possa continuar sendo importante para muitos, ao lado dos artistas tradicionais há aqueles que utilizam fotografia e vídeo, e outros que se engajam em atividades tão variadas como caminhadas, apertos de mão ou o cultivo de plantas.

A respeito do uso da diversidade de materiais é verificado no relato da professora L que atua nos dois segmentos de ensino, ela diz: “Eu tento levar para a sala de aula todos os recursos, suportes possíveis, para que o aluno tenha contato com diversos tipos de materiais. Para que ele possa se inspirar. Eu penso que quanto mais materiais diversos tiver, mais inspiração o aluno vai ter. Então eu trabalho com arame, papel machê, argila, vela derretida, mármore, todos os tipos de materiais. Todos os suporte possíveis”. No relato da professora M que atua no Ensino Fundamental II, ela fala sobre a realização de um projeto em que desenvolveu abordagens artísticas contemporâneas: “A gente fez estêncil (...). Eles fizeram um trabalho sensacional, eles pesquisaram no bairro, eles fizeram um vídeo reportagem da pichação versus grafite. Eles identificaram e foram lá, fizeram imagens, descobriram que é que fez e foi ver qual é o conceito que a pessoa queria fazer e eles mostraram a pichação no bairro deles”. E quanto ao uso de recursos tecnológicos, no relato da professora J que atua no Ensino Fundamental II, ela afirma: “Eu gosto muito do audiovisual para comunicar, dialogar. É um conteúdo, animação, no caso. Por exemplo, os oitavos anos tem no currículo deles animação. Aí eu gosto de dedicar um semestre ou dois para animação. Porque contar a história do cinema a partir das técnicas, a partir dos brinquedos ópticos. Aí a gente faz os brinquedos, a gente conversa, eu vejo como eles se dedicam, o quão eles se dedicam, para ver se dali dá para surtir o estímulo para a criação de vídeos de celulares (...). Aí eu uso: mídia, computador, caixa de som, data show e alguns livros”. Esses professores utilizam também outras linguagens além do desenho e da pintura, como por exemplo o estêncil, o grafite, o vídeo arte, a instalação e a interferência. E alguns deles conseguiram utilizar recursos tecnológicos como, o celular, o projetor e o computador na prática educativa.

Ao adentrar nas abordagens artísticas da contemporaneidade como performance, instalação, vídeo arte, estêncil, grafite, entre outras, propõe-se um desenvolvimento de dinâmicas que ampliam o entendimento de possíveis recursos para serem utilizados nas propostas educativas. Os possíveis desdobramentos dessas linguagens geram diversas manifestações artísticas diferentes dos recursos e técnicas consagrados no ensino de arte que vão para além da produção de objetos, da materialidade, do produto final. Deve-se ressaltar que o objeto não precisa ser desprezado, mas deve vir acompanhado com exercício de construção de ideias e deve ser explicado a importância do processo. Em suma, numa abordagem artística contemporânea, as proposições podem assumir o campo da imaterialidade e dessa forma sugere-se uma proposta de ação que acontece no plano das ideias, do pensamento. Essa

perspectiva se relaciona com o conceito de efemeridade, uma das especificidades das produções de arte contemporânea. Uma vez que desafia a materialidade da obra e os processos de arquivamento.

Entende-se, portanto, que assim como artistas contemporâneos exploram diferentes linguagens em suas produções, os professores também podem adentrar nessas e desenvolver práticas e conteúdos que se aventuram nos pressupostos da desmaterialização da obra de arte. Em relação a efemeridade que a certo modo já está incluída na educação, visto que as práticas educativas são processos que se findam diariamente ou semanalmente, isto é, são ações que são pensadas para serem esgotadas e avaliadas para que outra atividade comece a ser realizada (ROCHA, 2018). Mas quando a efemeridade se torna uma proposta artística contemporânea e é pensada para desenvolver diálogos e experiências, aproxima-se ainda mais o contexto escolar com as produções artísticas da contemporaneidade, fundamentando um ensino no pensamento artístico e seus desdobramentos.

Uma vez que os recursos tecnológicos são uma ferramenta para adotar na metodologia, o livro didático por sua vez é também um recurso para desenvolver o conteúdo de arte contemporânea. Em pesquisa de Iniciação Científica desenvolvida por Heitor Andrade Amorim entre 2018 e 2019 “O espaço da Arte Contemporânea no contexto escolar – Análise de livros didáticos do Ensino Fundamental” constatou-se que os livros utilizados no ensino fundamental contemplam conteúdos voltados para a arte contemporânea, possibilitando servirem como instrumento e suporte para os professores. Nas entrevistas constatou-se que 56% dos entrevistados utilizam o livro didático com os alunos, enquanto 26% disseram que utilizam pouco. Mesmo que a maior parte dos professores disseram usar o livro didático, perguntou-se aos professores que não contemplavam esse recurso o por quê da decisão. Em síntese, constatou-se que a causa era devido ao livro abordar as outras linguagens da arte como música, dança e teatro, e apresentar uma conjuntura cultural de outros estados do Brasil, não explorando as especificidades do nosso contexto. Dos entrevistados, onze professores disseram não gostar do livro por esses motivos. Como ratificado pelas Professoras I e J.

A professora I que atua nos dois segmentos de ensino diz: “(...) e o livro didático eu vejo dessa forma, mesmo porque, tudo bem, acho que sim, que a gente tem que levar o teatro, a música, a dança para as escolas. Só que a gente que é das Artes Visuais, da Educação Artística, a formação para essa parte foi muito irrisória. A gente faz porque é teimoso, mas eu não vou trabalhar teatro, não vou dar dança, não sou formada em dança. Eu não sou formada em música. Deveria oferecer sim, mas com profissionais da área. A gente faz alguma coisa porque é teimoso e enfia cara, mas o livro, o enfoque dele é voltado para outras áreas. A gente não tem pernas para isso”. E a professora J que atua no Ensino Fundamental II, ela diz: “(...) ele não é local. E principalmente o que não me contempla é isso, não territorializar”.

Um relato que segue noutra direção, do professor G, que atua no Ensino Fundamental II, apresenta que o professor não gosta do livro justamente porque aborda muita arte contemporânea: “Ano retrasado que começou esse negócio do livro didático. Eu uso, mas não gosto. Eu acho ele péssimo (...). É fora da realidade da comunidade. Parece que as pessoas que fizeram o livro eram artistas e não pessoas que trabalharam com pedagogia. A linguagem dos livros didáticos do sexto ao nono anos hoje foca em arte contemporânea. Aí quando o autor precisa falar do Renascimento, por exemplo, ele só abre cinco linhas para falar do Renascimento todo. E aí não dá, né? Não dá para você falar de arte contemporânea sem dar uma base histórica com os alunos primeiro. O livro vai num tema, volta, vai num tema, volta. Então assim, o livro é muito ruim”.

Em contrapartida, um depoimento que vai de encontro com os relatos anteriores é o da professora K que atua no Ensino Fundamental I, que diz: “Eu gosto do livro porque ele tem obras de arte então as crianças podem ver, visualizar também, cada um com o seu livro. Eu tenho muito material que eu uso também de fotos de obras de arte, eu tenho bastante, mas eu não tenho todas. Então sempre tem uma coisa nova no livro e eu acho importante. O livro é bem atual, tem bastante artistas contemporâneos. Eu gosto do livro, eu uso bastante”.

Compreendendo a importância de um processo de formação continuada para a prática docente, após a análise dos recursos utilizados pelos professores também foram solicitadas sugestões de como a Universidade poderia contribuir para sua formação. A partir dos relatos dos entrevistados, constatou-se que os 27 docentes gostariam que a UFES fizesse parceria com a Prefeitura para oferecer cursos de formação continuada. Dessa forma, foi perguntado aos entrevistados quais temáticas eles gostariam que abordassem nesses cursos. Verifica-se que a importância de formação continuada se dá cada vez mais pendente devido às narrativas da contemporaneidade que demandam uma atualização permanente e também para suprir as lacunas da formação inicial - como supramencionado, 26% dos entrevistados não aprenderam arte contemporânea durante a licenciatura. Em vista disso, sabe-se da necessidade de atualizar e revisar o ensino de arte para que não estagne a prática educativa em métodos e processos imediatistas e simplistas. Nesse panorama sobre recorrer à formação continuada, Iavelberg diz: “A formação continuada dos professores de Arte, depois das respectivas licenciaturas que passarão a ser requeridas, seguirá sendo importante, pois a atualização permanente diante dos avanços teóricos e práticos em cada uma das linguagens é uma necessidade.” (IAVELBERG, 2016, p. 83).

A respeito das sugestões dos professores entrevistados sobre as temáticas de que eles gostariam de ver nos cursos de formações continuadas, constatou-se que 9 docentes sugeriram o tema relacionado à arte contemporânea, ao que perpassa pelas suas linguagens, produções, artistas e desdobramentos na atualidade. Outros 9 entrevistados disseram que gostariam de fazer o curso que se adentrasse nas linguagens artísticas, especificamente, música, teatro e dança, demonstrando como a polivalência ainda é uma pressão na prática docente e como a luta política pela especificidade de cada linguagem do ensino da arte ainda precisa ser continuamente reforçada. 8 professores informaram que gostariam que os temas abordassem questões ligadas à pedagogia, didática, metodologia, conteúdo e avaliação. 4 entrevistados propuseram as temáticas relacionadas à arte e sociedade, arte e comunidade, cultura e territorialidade. Apenas 1 professor propôs o tema relacionado às relações étnico-raciais e educação especial.

Parte dos professores também relatou a importância dos seminários e oficinas ofertadas pelo Centro de Artes da UFES, apontando essas como um tipo de formação continuada, pois nelas se norteiam proposições educativas para o campo da arte/educação. Como relatado pela professora H: “Eu acho que a universidade poderia promover seminários (...). Ele acho que ele é válido ainda porque ele contempla muita gente: os alunos, os que já se formaram e o próprio professor que está lá. Mas trazer palestras, trazer oficinas, trazer cursos também. Mesmo que sejam poucas horas, mas que dê mais um embasamento, que dê mais possibilidades de trabalhar com que nós temos hoje”. A esse respeito, parte dos professores entrevistados demarcou a importância do Seminário Capixaba sobre o Ensino da Arte, realizado bienalmente e que teve sua décima terceira edição em 2019. Contudo, sobre o mesmo evento 8 dos professores entrevistados lamentaram o fato das redes de ensino e escolas não liberarem para participação no evento, demarcando uma falta de suporte para a formação continuada.

Outra possibilidade de parceria entre Universidade e educação básica está na prática dos estágios. A aproximação de estagiários (licenciando da formação inicial) com os professores de arte nas escolas está relacionada como uma dupla vertente inclusiva e estratégica. Por um lado contribui para uma formação continuada para os professores, pois esses se atualizam das propostas teóricas e práticas das linguagens da arte e por outro lado contribui para a formação inicial dos estagiários, esses que aprendem na experiência o contexto escolar. Iavelberg (2016, p. 85) aponta a aproximação referentes entre os docentes e os estagiários:

Do mesmo modo, a supervisão dos estágios dos alunos na formação inicial pode ser concretizada a partir de relatórios documentados e dos relatos das experiências vividas nas escolas, assim como a análise das aulas entre os graduandos serve para aprender a lecionar. Portanto, existem aproximações entre as estratégias da formação inicial e a praticada com arte-educadores nas escolas.

O relato da professora A corrobora com a presença de alunos estagiários no âmbito escolar: “Eu gostaria muito que a Universidade fizesse grupos de estudos, fortalecesse mais a inserção do estudante de artes dentro das escolas. Porque essa experiência que eu vivi com o programa Residência Pedagógica recebendo os alunos da UFES, acho que todos os meus colegas deveriam viver. Teria feito muita diferença para mim se na minha época eu tivesse entrado em sala de aula junto com um professor, para entender a dinâmica, entender a realidade da escola (...). Eu acho que do mesmo jeito que quando você se forma em medicina você tem que fazer residência, eu acho que para se formar professor se deveria ficar dentro de uma escola, para passar por essa adaptação. Porque a formação continuada é muito importante (...). Acho que a Universidade tinha que ter, pelo menos nas licenciaturas, uma parceria maior com as escolas”.

Ao que concerne às metodologias, verificou-se que 20 professores adotavam a abordagem triangular - proposição trazida pela educadora Ana Mae Barbosa e concretizada no Brasil nos anos de 1980. Outros professores apresentaram outras perspectivas metodológicas que incorporaram nas suas práticas, como por exemplo a “metodologia de ocupação dos espaços de exposição e espaços culturais”, como descrito pela professora N. Vê-se também a metodologia da professora O que atua no Ensino Fundamental I e adota uma concepção que leva em consideração sobretudo as especificidades do aluno: “Eu gosto da histórico-crítica, que é sobre você trazer a metodologia para a situação do aluno”. E na metodologia da professora J que atua no Ensino Fundamental II e descreve como: “Circular. Escuta. Roda de conversa de filme, roda de conversa de textos. Música”.

Em síntese, utilizar uma metodologia contemporânea ou desenvolver o conteúdo de arte contemporânea não significa desvalorizar (ou ignorar) uma consciência histórica e sua linha cronológica de eventos, mas entender que desenvolver arte contemporânea como conteúdo e como metodologia requer do professor a revisão da pedagogia e da sua didática para que o ensino de arte não se estagne. Com o objetivo de promover o exercício de desconstruir pensamentos arraigados na tradição e ampliar as conexões e cumplicidades proporcionadas por uma didática fundamentada na contemporaneidade.

Em conclusão, considera-se que após a análise dos resultados obtidos na presente pesquisa, está mais evidente o fortalecimento da relação entre a Universidade à prática de formação continuada. Seja por meio da participação dos eventos, seminários e oficinas, seja por meio da relação com os alunos estagiários no âmbito escolar. Em virtude de incentivar a preparação, o conhecimento, a pesquisa e o

diálogo sobre as abordagens das produções contemporâneas e na construção de uma prática pedagógica e didática sob uma perspectiva contemporânea.

Em relação a dificuldade da arte contemporânea adentrar na didática dos docentes, deve-se também levar em consideração a luta política dentro da escola em referência a demanda por mais recursos tecnológicos pois, como pesquisado, é uma objeção ao pretexto de desenvolver arte contemporânea. Visto que a linguagem visual é atual, o que denota a relevância de seu estudo, pois espelha a personalidade coletiva e individual da vida cotidiana.

Por fim, frente ao que foi evidenciado e analisado a respeito do ensino de arte na contemporaneidade, entende-se que caberia aos professores de arte o dever de construir uma identificação com as propostas metodológicas contemporâneas que atravessa o ensino e a aprendizagem, assim como caberia às redes de ensino o desenvolvimento de formações complementares a fim de desenvolver esse tópico. Uma vez que pertencer a uma comunidade educativa, admite-se a necessidade de refletir a forma mais adequada da ação didática. Dado que, os conteúdos do sistema da arte apresentam uma intrínseca relação à produção social e histórica.

5. Referências Bibliográficas:

- ACASO, María; MEGÍAS, Clara. **Art thinking** – Cómo el arte puede transformar la educación. Barcelona: Paidós educación, 2017.
- ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli. **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas/SP: Editora Papirus, 2001.
- ARCHER, Michael. **Arte contemporânea** - Uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 25 Ago. 2020.
- CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea** - Uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2006.
- DE PASCUAL, Andrea; LANAU, David. **El arte es una forma de hacer (no una cosa que se hace)**: Reflexiones a partir de una conversación de Luiz Camnitzer y María Acaso, Madrid: Cartarata, 2018.
- FAVARETTO, Celso. Arte contemporânea e educação. In: **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 53, p. 225-235. Disponível em: <<http://www.rieoei.org/rie53a10.pdf>>. Acesso em: 10 Mai. 2018.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007
- IABELBERG, Rosa. **O professor em foco na arte-educação contemporânea**. Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 82-95, jan./abr. 2016.
- MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- OLIVEIRA, Marilda de Oliveira de; FREITAG, Vanessa. A produção contemporânea como espaço de conflito no ensino de artes. In: MARTINS, Raimundo (org). **Visualidade e educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008.
- ROCHA, Julia. Ensino (contemporâneo) da arte contemporânea - Semelhanças e enfrentamentos entre metodologia e conteúdo. **Anais do 27º Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas: Práticas e contratações**; 24 a 28 de setembro de 2018; São Paulo. São Paulo: ANPAP, 2018.